

RECORDANDO...

Ro Trabalhador Rural

III

Numa ilha fértil, solitária no meio de um grande mar, vivia uma família ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia dona e senhora de toda a ilha, proprietária das terras, casas, choupanas, arados, gado, tudo.

Para manter essa família na mandriaria e na fartura, esfalfavam-se, desde manhã até à noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tossidos do sol, mal alimentados e mal abrigados, elas, suas mulheres e seus filhos. Só elas conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das semeaduras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho, e eram elas que entre si combinavam e distribuiam as tarefas, ajudando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais leves e curtas.

Quanto aos filhos do patrão, em vez de ajudar, como faziam os filhos e as mulheres dos trabalhadores, vinham estorvar e inquietar as pessosas e estragar as sementes. E é o proprietário então? Esse não fazia mais do que vigiar os serviços, os mimos atrás das costas, dizendo de vez em quando, todo ancho e satisfeito:

— Ah! se não fosse eu, como haviam vícios de viver?

E os pobres homens, muito humildes, respondiam descobrindo-se:

— É verdade, é verdade: se não fosse o patrão, que nos dá trabalho e nos sustenta, que havia de ser de nós?

Ora um belo dia — belo no comeco, feio depois — o proprietário foi com a família toda dar um passeio pelo mar, na sua linda e veloz chalupa. E tendo-se afastado muito da costa, sobreveio um grande temporal, que atuou a embarcação e afogou todos os que nela iam. Dias depois, os trabalhadores, horrorizados, encontraram na praia os cadáveres dos patrões, vomitados pelos vagabundos furiosos.

A princípio, ficaram cheios de aflição e pareciam-lhes que estavam ao desamparo. Mas os trabalhos não pararam. Acostumaram a combinar e a distribuir entre si as tarefas, ajudando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais breves e fáceis; os trabalhadores da ilha começaram a lavrar, a semejar e a colher, a fiar e a tecer o linho e a lã, a criar o gado, a manejar o arado, a foice e o tear — a terra continuou a produzir, os rebanhos a crescer e a multiplicar-se, o sol a brilhar sobre as searas...

Os trabalhadores não tardaram a reparar que tudo se fazia melhor do que antes, que já não tinham quem os estorvasse e visasse, que comiam melhor, andavam mais agasalhados e tinham melhor habitação e que podiam procurar mais e melhor. E por isso, não da em que fez um ano que a tempestade os livrara dos patrões, quando pasteravam sobre o caso e suas consequências, o mais velho disse tudo em poucas palavras:

— Que grandes cavalgaduras que nós éramos!

Assim dirão os teus iguais, quando se tiverem livre dos amos que, longe de serem úteis ou precisos, têm interesses contrários aos teus e aos dos teus irmãos de trabalho.

Os amos querem pagar de salário o mesmo possível; e vós precisais de vos deixar roubar cada vez menos nos frutos do vosso trabalho — e isto só o conseguis associados, pois separados, desunidos nada podeis.

Os amos têm interesse em haver muitos trabalhadores desunidos e muitos desocupados, para que as soldadas sejam pequenas; e vós precisais de trábalhos todos, e de estar unidos, para não haver quem teme de aceitar uma cédula por qualquer escasso serviço que apareça.

Os amos, para vender caro e com lucro, precisam de restringir a produção das coisas, de reter, encelhar, assambalar os proucos, e vós querereis satisfazer as vossas necessidades. Assim é que há tantas gentes a sustentar, a vestir e a abrigar e tantos braços desocupados ou mal ocupados.

Vós fareis como os trabalhadores da ilha; mas não podeis, como elas, contar com uma tempestade providencial. A tempestade libertadora tereis de a preparar e fazer vós mesmos.

Tu e os teus iguais tendes de vos associar desde já, ainda que não seja senão para resistir à constante ganância dos amos, para estudar e defender os vossos interesses, para conhecer bem o vosso trabalho e as vossas necessidades, assim como o melhor modo de arranjar e combinar o primeiro e de satisfazer as segundas.

E assim, quando tiverdes a força e as capacidades necessárias, com a ajuda indispensável dos vossos irmãos das cidades, passareis a viver sem amos nem mandriões, e a arranjar tudo por vossas mãos e vossa conta.

Boletim Meteorológico

Situação geral às 18 horas de ontem: Manhã-se a depressão da Ilha 740mm. A baixa barométrica que está afectando as linhas britânicas tem tendência a deslocar-se para leste em virtude do anticiclone que continua estabelecido entre os Açores e a Biscaya 775mm, sendo assim de supôr que aquela baixa não venha afetar sensivelmente a Península.

Pressão em Lisboa: 775mm; norte, 774.5. Temperaturas extremas em Lisboa no dia 11: máxima 17°, mínima 10°.

Tempo provável em Lisboa no dia 12: Bom tempo. Vento fraco variável, céu de algumas nuvens, temperatura sem alteração.

Nota: Não se receberam os comunicados de Espanha bem como alguns de outras nações da Europa.

No largo da Estréla desarrubrou um eléctrico, ficando 9 pessoas feridas

Ontem, cerca das 17 horas, deu-se no largo da Estréla um desastre que podia ter tido consequências trágicas, provocado pelo desarruamento do eléctrico 524.

O desastre deu-se devido ao mau funcionamento do travão automático do carro, circunstância que o guarda-freio já tinha notado em duas carreiras que anteriormente fizera entre a Avenida e a Estréla.

O carro, que era dos fechados, vinha da rua de Buenos Aires e ao entrar na ruas São João de Deus ganhou mais velocidade, sendo intuídos os esforços intentados pelo guarda-freio para salvá-lo. O eléctrico saltou fora das linhas por sobre o passado do largo da Estréla, indo bater, com grande susto dos passageiros que soltavam alitiivos gritos, de encontro à nova dependência do hospital da Estréla. As vidraças do posto de socorros estilhaçaram-se, voando os caixilhos com a força do embate.

A frente do eléctrico ficou muito danificada e o tejadilho completamente desfeito.

Acederam logo muitos populares e todo o pessoal de enfermagem do hospital da Estréla.

Ficaram feridos: António de Oliveira,

com escoriações; António Vicente Camilo,

contusões nos braços e corpo; Manuel Pais Brito, ferido na cabeça com certa gravidade; Ema Seixas e seu filho Manuel António Seixas, com leves contusões; Manuel da Silva e sua mulher Belmira da Silva; Pedro Joaquim de Almeida e o cívico 2154, bastante contusos.

Incêndio num barracão da Estação de Limpeza do Beato

Outem, pelas 17:30 horas, declarou-se incêndio com violência num barracão amplo, de alvenaria, com 1.º andar, sito na calçada Duque de Lafões, 76, onde a secção de higiene tem instalada a Estação de Limpeza do Beato.

No pavimento térreo existe a casa dos arreios, palheiro, cocheira e 33 cabeças de gado, e no 1.º andar o dormitório e também palheiro, onde existiam cerca de 300 soldados de palha.

O fogo teve começo no andar térreo, dando pelo incêndio o guarda José de Almeida que imediatamente fez alarme, acudindo mais pessoal ao empregado que aplicou de princípio duas agulhetas existentes no edifício. Enquanto cabou n.º 106 de P. S. P. reclamava os socorros dos bombeiros o pessoal da Abegoaria e populares punham a salvo as mares.

Para o local avançou pessoal e material dos quartéis 1, 2, 5, 8 e 9 e voluntários da Ajuda e Lisboenses. Foram postas a trabalhar duas auto-tanques e uma moto-bomba Magyars, conseguindo-se evitar a destruição do barracão, tendo ardido apenas parte dos fardos de palha e causado alguns estragos no 1.º andar.

Notas várias da Lisboa triste

Atropelamento

No Banco do Hospital de São José foi pensado e recolheu a casa José Vicente, de 48 anos, natural da Covilhã, jardineiro e residente na rua Andrade, 46, 2.º, que em São Pedro de Alcântara foi atropelado por um automóvel ficando ferido no rosto.

Ferido com arma capadeira

Na enfermaria de Santo Onofre, do Hospital de São José, deu ontem entrada Joaquim Antunes Moura, de 33 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio e morador na estrada de Monsanto, que caiu de uma bicicleta no largo de Alcântara, ficando ferido no resto e pernas.

Queda de uma bicicleta

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu para casa, João Camilo dos Santos, de 23 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio e morador na estrada de Monsanto, que caiu de uma bicicleta no largo de Alcântara, ficando ferido no resto e pernas.

Outros incidentes

Na enfermaria n.º 4, do Hospital de Arroios, deu entrada Edeltrudes dos Santos, de 63 anos, natural de Alcobaça e residente na rua da Bela Vista, à Graça, 31, 2.º, e que ali caiu de sobre um banco, fracturando uma perna.

AGREMIACOES VARIAS

Vendedores do Mercado da Praça da Figueira — Reunião hoje a assembleia geral desta colectividade, às 20 horas.

Jardins-Escolas João de Deus — Em conformidade com o artigo 9.º dos Estatutos reúne a assembleia geral desta instituição no próximo domingo, pelas 14 e meia horas, com a seguinte ordem de trabalhos 1.º, discussão e aprovação do relatório e contas do ano social fino; 2.º, eleição dos corpos gerentes; 3.º, decisão sobre a manutenção dos Jardins-Escolas João de Deus. Não compareceram número suficiente de sócios, fica desde já feita a 2.ª convocação para domingo, 23 de outubro, à mesma hora.

Grupo do Livre Pensamento França Borges — Alguns republicanos e liberais da freguesia de São João da Praça tomaram a iniciativa da formação do Grupo do Livre Pensamento «França Borges», em homenagem ao saudoso jornalista, fundador do jornal O Mundo.

Boletim Meteorológico

Situação geral às 18 horas de ontem: Manhã-se a depressão da Ilha 740mm.

A baixa barométrica que está afectando as linhas britânicas tem tendência a deslocar-se para leste em virtude do anticiclone que continua estabelecido entre os Açores e a Biscaya 775mm, sendo assim de supôr que aquela baixa não venha afetar sensivelmente a Península.

Pressão em Lisboa: 775mm; norte, 774.5.

Temperaturas extremas em Lisboa no dia 11: máxima 17°, mínima 10°.

Tempo provável em Lisboa no dia 12: Bom tempo. Vento fraco variável, céu de algumas nuvens, temperatura sem alteração.

Nota: Não se receberam os comunicados de Espanha bem como alguns de outras nações da Europa.

AS OBRAS DA "SANTA CASA"...

Graves irregularidades cometidas no Hospital de Santo António do Porto

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem, por um sagrado princípio de moral, exija um inquérito em forma, uma sindicância — para que se faça um autêntico «despijolhamento» intramuros da Santa Casa da Misericórdia, onde, pelos vistos, se está a transformar num verdadeiro alôbre de irregularidades, num quase genuíno alcance de immoralidades.

PORTO, 11 — A questão do Hospital Geral de Santo António está a interessar vivamente o público. Há já quem,

PROPAGANDA SINDICAL

Uma memorável sessão em Monchique

MONCHIQUE, 10. — O Sindicato da Construção Civil promoveu ultimamente uma sessão de propaganda, que esteve bastante concorrida.

Constituída a mesa, tendo como presidente e secretários, respectivamente, Joaquim Aníbal Valério, José Joaquim Ferreira e José Damasco, fez uso da palavra o presidente que, em breves mas sinceras palavras, exortou os camaradas presentes a ingressarem no sindicato, demonstrando-lhes quanto é prejudicial a sua desunião.

Em seguida, usou da palavra Avelino dos Reis Valério, que seguiu na mesma ordem de ideias, tendo também apontado as desigualdades que apresentam os salários actuais em relação aos de há dez anos.

Manuel da Silva Campos, delegado da C. G. T., começou por demonstrar quais as melhores armas de combate que o operariado possui para enfrentar os seus exploradores. De entre elas, salientou o sindicato, por ser dentro dele que os operários se podem concertar para a sua integral emancipação. Entrando na análise da vida do rico e do pobre, demonstrou à assistência quanto era miserável a vida dos que tudo produzem em relação à daqueles que nela fazem e tudo têm.

Ao locar o levantamento moral do povo e da criança, demonstra a vida simiosa que aquele leva e que, consequentemente, vem reflectir-se na criança. Apontou vários meios para combater a desmoralização do povo, principalmente do trabalhador, destacando a necessidade de se combater os inúmeros vícios que o avassalam, sendo o mais prejudicial o do álcool, que faz com que de muitos exemplos à prole, formando-se assim novos desmorolizadores.

Pasando a demonstrar a necessidade de se manter em vigor o dia normal de oito horas de trabalho, historiou os primeiros passos dados pelos trabalhadores para o auferirem reportando-se ao primeiro de Maio, do qual faz a história, fazendo ver ao operariado que ele é de fato e não de festa, pois que por terem sido sacrificados alguns camaradas, para satisfazer a burguesia norte-americana, o operário deve no primeiro de Maio preparar-se para o combate, reclamando os seus direitos como produtor, e não para festa, indo com esta última atitude de encontro aos desejos dos seus exploradores.

Analisou a vida do escravo moderno, faz a história do seu congénere de há vinte séculos e demonstra, com acentuada proficiência, que este, economicamente, era mais livre, pois que o seu senhor não lhe convinha ter o "animal" com fome, ao passo que o senhor de hoje não se importa que seu escravo morra de fome; embora este, por vezes, se mostre descontente e reclame mais direitos económicos, os régulos lancham-lhe poeira nos olhos e mesmo, na sua frente fazem "trucos" dando-lhe direitos políticos, que não encenam a barriga, e a que eles chamam liberdades que, no fim de contas, redundam em prisões.

Centrou a analisar a vida do trabalhador que se degrada por nunca querer enfrentar o patrão a quem considera um ser superior. Em seguida analisa a situação de "A Batalha" perante o operariado organizado, tirando-lhe a força que ela deve ter para combater as podridões desta sociedade corrupta, ao passo que compara os chamados grandes colossos que são, afinal, factores que contribuem para as suas misérias, pois que o seu papel é unicamente defender as poucas vergonhas que os seus "deuses" fazem e que os operários são as eternas vítimas.

João Miranda, delegado da Federação da Construção Civil, começa por demonstrar qual a força das organizações revolucionárias da Construção Civil do país e do resto do mundo. Focou os objectivos da Federação da Construção Civil Portuguesa, que são procurar unir num só baluarte todos os camaradas, para poderem com segurança lançar as bases dumha sociedade mais pura e igualitária, onde o trabalhador usufrua os bens morais e materiais que a presente sociedade, à viva força, lhe nega.

Histórico o movimento sobre o horário de trabalho, apontando as inúmeras vítimas que tem feito, merecendo, portanto, da parte do operário mais carinho e oposição aquela que o coartar. Demonstrou o que foi a greve da Construção Civil em 1916, greve colossal onde o operariado de Lisboa e arredores, num total de sessenta mil homens, impôs ao patronato e ao próprio governo, o dia normal de oito horas de trabalho.

Focou a ganância do patronato, que não se importa vêr morrer de fome crianças inocentes, que não têm culpa de se encontrarem no mundo e trazem pais o mesmo patronato persegue "à outrance", já faltando-lhes com o trabalho, para assim vêr se conseguem dominá-los pela fome, já dandolos como terrorista, arranjando para isso uns seres nojentos que se prestam a mentir fazendo com que irmãos sejam de sofrimento sejam encalhados anos e anos, sufrendo torturas sem nome e expandindo crimes que não cometem, tudo isto só para satisfação do patronato, que julga, executando tais processos, por um entrave à marcha triunfante dos ideais da emancipação humana.

Terminou exhortando os operários da construção civil a fortalecer o seu sindicato e fazendo votos para que, em breve, o mesmo possa considerar-se um dos principais do Algarve, tendo em vista poder agregar a si mais de duzentos sócios que, como um só homem, se imponham pelas suas qualidades e pela sua acção revolucionária.

Por fim usou da palavra o camarada Avelino, que chamou a atenção dos presentes para as ideias expostas e fazendo votos para que elas encontrem eco no trabalhador e muito principalmente no dia da construção civil. Encerrou-se a sessão com vivas à C. G. T., à Federação da C. Civil e à Batalha.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

SUCATAS

Compra-se toda a qualidade e quantidade de sucatas de metais e ferro, RUA CAIS DO TOJO, 38 e 40 (ao Conde Barão).

Leia o Suplemento de "A Batalha".

IMPRENSA

Le Combat Syndicaliste.

Em Paris, iniciou-se a publicação mensal de um órgão da C. G. T. sindicalista revolucionária, recentemente constituída. O novo jornal vem em defesa do sindicalismo revolucionário e tomou o título de *Le Combat Syndicaliste*.

O primeiro número, que recebemos, deixa transparecer no seu artigo principal a orientação que seguirá. Deste artigo extratramos o período mais expressivo:

"Estabelecemos a responsabilidade dos partidos e das suas C. G. T. Diremos que a C. G. T., colaborando com os governos que se têm sucedido, tornou-se responsável da grande miséria que caiu sobre o proletariado. Faremos conhecer igualmente o papel criminoso desempenhado pela C. G. T. U. e pelo seu director espiritual — o partido comunista — nas scissões da classe operária. Isto é a parte menos importante da nossa missão. Herdeiros do espírito revolucionário que animava a C. G. T., antes da guerra, livraremos combate sem trégua ao capitalismo, atacando-o incessantemente nos seus órgãos essenciais, com método, vigor e tenacidade. A batalha será rude, porque nós não vemos apenas a necessidade de vencer o capitalismo até destruir-lo, mas indo até que desapareça de todo a autoridade em que se apoia — o Estado."

Este artigo vem assinado pela nova C. G. T., exprimindo, portanto, a acção do novo organismo e do órgão da imprensa.

Ào novo camarada, as nossas saudações e o nosso voto de completo êxito na sua ardosa missão.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid, cheque	53\$2	57\$8
Paris, cheque	57\$8	57\$8
Suíça	2874	10853
Bruxelas, cheque	10853	10853
New-York	10853	10853
Amsterdão	10853	10853
Itália, cheque	3865	2330
Brasil	2330	5585
Praga	5585	5524
Suécia, cheque	5524	2577
Austrália, cheque	2577	4566
Berlim	4566	

TEATROS

Nacional	A's 21.— <i>Frei Luís de Sousa</i> .
São Luís	A's 21.— <i>O Príncipe Orloff</i> .
Gimnásio	A's 21,30.— <i>O caso do dia</i> .
Trindade	A's 21,15.— <i>A Gargone</i> .
Politeama	A's 21.— <i>Gatunos</i> .
Avenida	A's 21,30.— <i>O Pé de salsa</i> .
Apolo	A's 20,30 e 22,30.— <i>A Mouraria</i> .
Eden	A's 20,45 e 22,45.— <i>Cabaz de Morangos</i> .
Variedades	A's 20,30 e 22,30.— <i>Fruta Verde</i> .
Maria Vitoria	20,30 e 22,30.— <i>Sempre fixe</i> .
Coliseu	A's 21.— <i>Manon</i> .
Safo Foz	A's 15 e às 20,30.— <i>Variedades</i> .
Joaquim de Almeida	A's 20,30.— <i>Animatógrafo</i> .
TIVOLI	Avenida da Liberdade.— <i>Olimpia</i> , «Matinées» e «soirées».
SAO LIMA	Central.— <i>Praga dos Restaurantes</i> .
CIACATO	Terrasse.—Rua António Maria Cardoso.— <i>Cinema Condes</i> .—Avenida da Liberdade.— <i>Pathé Cinema</i> .—Rua Francisco Sanches.— <i>Salão Ideal</i> .—Rua do Loreto.— <i>Eden-Cinema</i> .—Rua do Alívio (Alcântara).— <i>Cine Paris</i> .—Rua Ferreira Borges.— <i>Alhambra</i> .—Parque Mayer. (Variedades).— <i>Salão Lisboa</i> .— <i>Mouraria</i> .— <i>Cine-Esperança</i> .

SECÇÃO DE LIVRARIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista Antonelli, — A Russia bolchevista.

Cura Merler, — A razão dum padre Dufour, — O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes).

Emilio Bossi, — Cristo nunca existiu.

Geo Williams, — Relatório dos delegados da I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou.

Gustavo Le Bon.

As primeiras consequências da guerra.

Ensaiamentos psicológicos da guerra europeia.

Leis psicológicas da evolução das Povos (enc.).

Guyau, — Ensaios dum moral sem obrigação nem sanção.

Educação e Hereditariade...

Hamot, — A conferência da paz e a sua obra.

As lições da guerra mundial.

O movimento operário da Grã Bretanha.

Psicologia do socialismo-anarquista

A crise do Socialismo.

A psicologia do militar profissional.

Henrique Leone, — O Sindicato.

Heliodoro Salgado.

O culto da Imaculada.

Jean Gravé.

A sociedade Futura.

O Individual e a sociedade.

Joseph J. Ettor, — Unionismo industrial.

Julio Gómez, — A lei dos salários.

Justus Ebert, — Os L. W. W. na teoria e na prática.

Kropotkin.

Anarquia, sua filosofia e seu ideal

A Grande Revolução (2 vol.).

A moral anarquista.

Os bastidores da Guerra.

O Estado e o seu papel histórico.

Lázaro, — A Liberdade.

N. Lénine, — Os problemas do poder dos Soviéticos.

O Estado e a Revolução.

Landauer, — A Social Democracia na Alemanha.

Francisco Latta, — Na luta de fogo.

Marx, — O Capital.

Melchior Inchofer, — Monarquia jesuítica.

Nietzsche.

Anti-Cristo.

Genealogia da moral.

Neno Vasco, — Ao Trabalhador Rural

— Georgicas.

Concepção Anarquista do Sindicato.

A greve dos inquilinos.

Noviciado, — A emancipação da mulher

Pataut e Pouget, — Como faremos a revolução.

Perito de Carvalho, — Notas e comentários.

Sebastião Faura, — Doze provas da inexistência de Deus.

Tomás da Fonseca, — Sermões da Montanha.

Analistas.

Tratamento de diabetes. Dr. Ernesto Roma.

Boca e dentes. Dr. Armando Lima.

Câncer e rádio. Dr. Cabral de Melo.

Reino X. Dr. Alen Salazar.

Montanha.

Analistas.

15\$00

5\$00

3\$00

5\$00

<p

A BATALHA

SINDICALISMO REVOLUCIONARIO

Os fundamentos de uma nova organização central francesa

Foi na tarde de 15 de Novembro que se efectuou a segunda sessão do congresso dos sindicatos autónomos de França. Ao iniciar-se a sessão, numerosos delegados pediram que o debate em volta da pretendida constituição de uma nova C. G. T. fosse encerrado.

Com este fim, Huart, da comissão organizadora do congresso, expôz o critério defensivo da fundação de um novo organismo central.

Boudoux fez, então, uma análise à situação. Afirmando, dirigindo-se a Guiqui, que a hora era imprópria de pessimismo, tanto que no local se reuniam muitos homens animados do mesmo ideal. Fez uma calorosa exortação a que houvesse confiança e vontade, não se esquecendo as lições do passado.

O orador contestou depois Bastien com o argumento de que a experiência tinha sido longa e ela condenara irremissivelmente a autonomia. Não se vai começar uma casa pelo telhado mas, de contrário, procura-se fundá-la sobre uma base sólida, inquebrável. Essa base só poderá ser a C. G. T. revolucionária que o congresso constitui.

Vários delegados propuseram que se aprovasse em princípio a constituição de uma nova C. G. T. e se nomeasse já uma comissão de exame ao projeto de estatutos e também aos estatutos da A. I. T.

Constituída a comissão pelos delegados Jouve, Garros, Demonsais, Bastien e Huart, retomou-se a discussão sobre a nova central.

Huart respondeu aos oradores que se manifestavam com reservas. O nome da nova organização não influirá na sua marcha, pois um organismo confederal pode ser bom ou mau conforme se souber fazê-lo funcionar. Numa época em que o capitalismo se desenvolve industrialmente, não se pode dispensar a criação de Federações, mas bastará limitá-las ao seu papel de documentação para que se conjure todo o perigo.

Ainda não é tarde para se fazer alguma coisa, continuou dizendo. Perdeu-se infelizmente muito tempo, mas não há uma razão para se abandonar a luta. O Sindicalismo só abrirá fôlego se continuam o actual estado de coisas. Faltam bons elementos porque os melhores vivem afastados e desgostosos. As causas apontadas justamente por Guiqui residem nas hesitações dos chefe-sindicalistas das duas C. G. T.

A FISCALIZAÇÃO DAS CORTIÇAS

A Federação Corticeira Nacional representou ao governador civil de Lisboa sobre o assunto

Os industriais corticeiros nunca aplaudiram a ideia da fiscalização das cortiças. Os motivos não são de difícil compreensão desde que se conhece os seus intuios exploradores.

Apesar de não terem conseguido os seus intentos os referidos industriais não desistem, procurando por todas as formas que seja extinta essa fiscalização. Tais foram as patrâncias que dirigiram ao ministro das Finanças, que este acaba de, por via dos governadores civis, consultar os sindicatos operários da indústria da cortiça sobre a conservação, modificação ou extinção da fiscalização das cortiças.

Como o assunto é de ordem geral a Federação Corticeira Nacional, numa das reuniões do Conselho Federal, ocupou-se do assunto, estabelecendo os seguintes pontos de vista:

Que se conservem todas as medidas tomadas de proteção à indústria corticeira levadas a efeito pelos governos anteriores, por se reconhecer que o pequeno desenvolvimento que a indústria tem se deve à referida proteção.

Que se criem mais três circunscrições de fiscalização das cortiças: uma em Aldeagalega — visto existirem ali muitas fábricas e a fiscal do Barreiro se tornar impossível uma fiscalização regular — outra em Grândola — em virtude de ali haver dezoito fábricas e tornar-se impossível o fiscal da Sines a fiscalização — e outra em Lisboa (Oriental) devido ao grande número de fábricas existentes.

Que sejam extintas as circunscrições de Santarém e Alcântara do Sul, ficando o fiscal da circunscrição de Abrantes com o encargo de fiscalizar a cortiça que apareça na área de Santarém. A área de Alcântara do Sul será fiscalizada pela circunscrição de Grândola como em cima se preconiza.

Que não seja autorizado o corte da cortiça. Nesse dia, cerca das 13 horas, compareceu ali a autoridade que ordenou o despejo do prédio, que se fez entre protestos e um círculo de lamentações dos inquilinos, cujos haveres ficaram estendidos na placa central da referida Avenida, expostos ao vento e à chuva.

Estivemos ontem no local do bivaque auscultando a dôr das vítimas. O quadro é chocante, expressivo, perturbador.

Mulheres e crianças choram a sua sorte, lamentam o lôgo em que caíram indiferentemente para o prédio de um indivíduo a conselhos com a justiça. Não têm onde recolher-se e aos seus haveres. Esperam ali ao relento, titilando de frio, em contacto com a cimba, a derradeira hora do seu tormento.

Há choros convulsivos que falam por um protesto grande. Há blasfêmias que traduzem toda a revolta de que se encontram possuidos.

A tarde, em casa de uma pessoa amiga, foi recolhida uma família composta por pessoas a braços com a tuberculose. Os outros moradores encontram-se ainda no bivaque formado de colchões, enxergas, mesas, velhas e tudo quanto constitua o «menage» daquelas famílias.

Ali se conservarão, quem sabe por quanto tempo, visto que não têm onde refugiar-se.

E que aos fiscais seja atribuída a missão de fiscalizar e fazer cumprir a lei que regula o trabalho das mulheres e menores nas fábricas e a lei que regula as oito horas de trabalho.

De harmonia com estas resoluções, a Federação Corticeira entregou ontem ao governador civil de Lisboa uma representação contendo estes pontos de vista, que são a síntese das aspirações de todos os corticeiros do país.

Aos sindicatos da indústria aconselha a Federação Corticeira a responderem imediatamente à circular do governador civil e nos termos que mais se harmonizem com o espírito da organização sindical corticeira.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

O dr. Sobral de Campos dará hoje, pelas 21 horas, consulta aos trabalhadores confederados mediante a apresentação da cédula confederal de sindicato.

Só merece a liberdade e a vida aquele que cada dia sabe conquistá-las. — GOETHE



QUESTÕES DE ACTUALIDADE

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

De Malthus para cá, os conservadores de todas as escolas têm sustentado que a miséria não deriva da injusta distribuição da riqueza, mas da limitada produtividade ou da deficiente indústria humana.

E' certo que a produção em geral e sobretudo a das coisas de primeira necessidade é escassa, insuficiente, quasi ridícula, pequena perante o que deveria e poderia ser.

O famoto que passa em frente dos grandes armazéns abarrotados de géneros alimentícios, aquele que de tudo carece e vê os esforços feitos pelos comerciantes para venderem a mercadoria abundante de mais para os pedidos do público, podem pensar que há produtos em abundância e que só faltam meios para os poderem comprar.

Anarquistas, iludidos pelas cifras maiores ou menores cabalísticas das estatísticas e talvez ainda para terem na propaganda um argumento impressionante e de fácil compreensão para as massas ignorantes, puderam sustentar que a produção efectiva excede em muito todas as necessidades rationais, e que bastaria que o povo se aposasse da dela para que todos pudesssem viver na abundância. E o facto de se darem crises chamadas de sobreprodução (quer dizer, o trabalho que falta porque os patrões não conseguem vender os produtos que acumularam) ajuda a confirmar na mente da grande maioria essas impressões superficiais.

E' possível que a autonomia de resultados em cada localidade. Encarando-se, portanto, os restituídos no seu conjunto, verifica-se logo que a autonomia só pode ser desastrosa. Não se pode ser adepto da União sem se ser adepto da C. G. T., porque a segunda é a forma prática da primeira. O todo é uma questão de fiscalização.

A nova C. G. T. não cairá nos erros cometidos pelas outras se a fiscalização se fizer. Em contrário, todos os desvios são prováveis.

Não se torna necessário um comité director, mas, apenas, uma comissão administrativa e um secretariado que execute as decisões do congresso.

A potência da organização capitalista não se pode bater com a força de sindicatos ligados apenas por um vago comité de relações. É necessário criar uma C. G. T. com todos os seus órgãos.

A comissão organizadora, disse emifim o orador, preconizava a fundação de uma nova C. G. T. por reconhecer que só esta solução é possível ao complexo problema sindical.

Apresentou o orador, no final do seu discurso, uma moção da comissão organizadora do congresso. Essa moção — que publicaremos juntamente com outros documentos — defendia a constituição de uma nova C. G. T. que, em face da defecção das centrais existentes, continuasse a obra da C. G. T., antes da guerra.

O presidente da sessão, Raiton, pôs esse documento à votação, tendo aprovado 84 delegados e apenas três rejeitados. Dois organismos abstiveram-se de votar.

Estava, pois, fundada a Confederação Geral do Trabalho sindicalista revolucionária — às dezavante horas do dia quinze de novembro.

rias pouco menos do que inúteis quando não completamente nocivas. Quanto ao pão, carne, casas, vestuário e outras coisas de primeira necessidade, a parte que os ricos consomem em excesso ou desperdiçam, repartida entre as massas inúmeras não produziria mudança sensível.

Portanto é insuficiente a produção e urge aumentá-la: estamos de acordo.

Mas porque não se produz hoje mais? Porque há tantas terras incultas ou mal cultivadas? porque tanta máquina inactiva? porque tantos operários desocupados? porque não se fazem casas para todos, roupas para todos, etc., abundando para isso os materiais e os homens capazes e desejosos de os utilizar?

A razão é clara. E é que os meios de produção, solo, matérias primas, instrumentos de trabalho, não estão nas mãos dos que têm necessidade dos produtos, mas pertencem como propriedade privada a um pequeno número de pessoas que dêem se servem para fazer trabalhar por sua conta, e só na quantidade e na maneira que convém ao seu interesse próprio.

Hoje o homem não tem direito a nenhuma parte de produtos pelo simples facto de ser homem: se come e vive é só porque o capitalista, possuidor dos meios de produção, tem interesse em o fazer trabalhar para o poder explorar.

Ora, o capitalista não tem interesse em desenvolver a produção além dum certo limite, é até interessado em que haja sempre uma relativa carestia. Por outros termos, faz produzir enquanto pode vender os produtos mais caro do que aquilo que elas custam, e aumenta a produção enquanto paralelamente aumentam os lucros; mas quando vê que para vender deverá rebazar muito os preços e que a abundância levará a uma diminuição absoluta do lucro total, detém a produção e ate — há mil exemplos disso — destrói uma parte dos produtos disponíveis para aumentar o valor da parte restante.

Por isso, querendo-se que a produção seja de modo a poder satisfazer plenamente as necessidades de todos, é preciso que ela seja feita justamente em vista das necessidades a satisfaizer, e não já para prever exclusivo de alguns. E' preciso que todos tenham direito a gozar dos produtos, é preciso que todos tenham direito a empregar os meios de produção.

Se quem tem lome tivesse direito a tomar o pão, não haveria remédio senão fazer de modo que houvesse pão para saciar a todos; e as terras cultivar-se-iam e os métodos antigos seriam substituídos por métodos de cultura mais produtivos. Se pelo contrário, como hoje, as riquezas existentes em meios de produção e em produtos acumulados pertencem a uma classe especial de pessoas, e esta classe, provida de tudo, pode mandar fuzilar os fainotos que gritam demais, a produção continuará a deter-se no limite marcado pelos interesses capitalistas.

Em conclusão, a causa da escassa produção é, hoje, a mesquinha distribuição; e se pretende destruir o efeito é preciso destruir a causa.

Para que se produza o suficiente para todos é necessário que todos tenham direito a consumir o suficiente.

E assim fica demonstrada a tese socialista que o problema da miséria é ántes de tudo uma questão de distribuição.

Errico MALATESTA

CONFERÉNCIAS

«Fisiologia do Trabalho»

A comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil, convida todos os trabalhadores a assistir à 2.ª conferência da série «Fisiologia do Trabalho», que a Universidade Popular Portuguesa vem promovendo na secção que mantém na Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Esta conferência realiza-se, anzinhã, na sala da aula, sendo conferente o dr. sr. João Camoesas que escolheu para a sua 2.ª conferência o seguinte tema: «Bioquímica da Trabalho».

A entrada é pública.

«A Prostituição através da História»

Amanhã, pelas 21 horas, na sede da Universidade Livre, a praca Luís de Camões, 40, 2.º, o sr. dr. Agostinho Fortes realiza a sua conferência sobre «A Prostituição através da História» e que deve despertar interesse, sendo a primeira da série que a Liga Portuguesa Abolicionista vai promover.

Entrada é pública.

«A Batalha» no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

INSTRUÇÃO

A folha oficial de hoje deve inserir as nomeações dos srs. José Pepe Esteves Carvalho, para instrutor provisório de ginástica no liceu de Gil Vicente, e António Maria Robalo Neves, para regente provisório de canto coral no liceu de Faro.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na secretaria da 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraiso, 28, 1.º, estão abertas as matrículas todos os dias das 10 às 16 horas e das 19 às 23 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética e escrituração comercial, podendo inscrever-se nestes cursos, como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

No próximo dia 30 do corrente, realiza esta secção a sua primeira festa nas salas da Academia do Comando Geral de Artilharia, que generosamente foram cedidas e cujo produto reverterá a favor da cofre da secção.

Os preparativos norte-americanos

WASHINGTON, 11.—O governo norte-americano ordenou a imediata partida para Xangai do couraçado Pittsburgh, que se encontra no porto de Manilla (Filipinas).

Entre as prendas para o basar que nos foram graciosamente cedidas, contam-se algumas da Fábrica de Bolachas «A Favorita», da Companhia Industrial Aliança, da Companhia da Borracha, do Poco do Bispo, etc.

A China vulcanizada

En vésperas de grandes acontecimentos?

XANGAI, 11.—Havendo conhecimento de que se preparam ataques às concessões estrangeiras desta cidade, como sucedeu em Hankow, foram tomadas grandes medidas de precaução. Estão chegando a Xangai, Fankang e Kiukiang grandes reforços das esquadras estrangeiras.

A lei marcial em Xangai

XANGAI, 11.—O conselho municipal publicou uma proclamação declarando a lei marcial.

Uma aparição significativa...

XANGAI, 11.—O almirante sir Reginald Tyrwhith, comandante da esquadra britânica, que se pediu a nossa classe para minorar a situação dos colegas que lutam com a farta de trabalho não dará os resultados desejados, atendendo à grande carestia da vida e ainda ao facto de serem frequentes os pedidos de solidariedade — a Associação de Clases dos Compositores Tipográficos, reunião em assembleia geral no dia 11-1-927, resolve: 1.º que seja nomeada uma comissão para reclamar do governo provisões imediatas no sentido de ser debelada ou pelo menos atenuada a crise de trabalho na classe; 2.º que a mesma comissão fique com plenos poderes para, independentemente das reclamações a fazer ao governo, lançar um apelo à classe, quando o julgue conveniente e de acordo com a direção, a fim de serem auxiliados aqueles colegas que gritam demais, a produção continuará a deter-se no limite marcado pelos interesses capitalistas.

Por último, depois dum membro da direção ter explicado succinctamente as inconvenientes do actual momento para as classes que vivem do trabalho do jornal foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando: que a recente condenação do jornalista Félix Correia veio confirmar a razão que tinham as classes que vivem do trabalho e do jornal quanto a seu tempo protestaram contra a nova lei de imprensa; que a mesma lei, além de extremamente violenta, tem efeitos retroactivos;

que não é dos usos e costumes do país; a assembleia geral da classe dos Compositores Tipográficos, reunião em 11-1-927, resolve: 1.º protestar contra a condenação da primeira vítima da nova lei de imprensa; 2.º dar a sua adesão moral e material a qualquer movimento que tenha por fim conseguir a revogação da referida lei e bem assim a supressão da censura prévia, por assim serem altamente prejudiciais aos interesses morais e materiais da classe gráfica.»

Sindicato dos Profissionais da Imprensa. — A comissão de revalidação de carteiras de identidade, recebe até ao próximo dia 15 as requisições para a concessão da mesma, data em que termina a recepção de novas requisições.

Por último, depois dum membro da direção ter explicado succinctamente as inconvenientes do actual momento para as classes que vivem do trabalho do jornal foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando: que a recente condenação do jornalista Félix Correia veio confirmar a razão que tinham as classes que vivem do trabalho e do jornal quanto a seu tempo protestaram contra a nova lei de imprensa; que a mesma lei, além de extremamente violenta, tem efeitos retroactivos;